

## CENÁRIO POLÍTICO ATUAL: URGÊNCIA DA DESCONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO SUJEITO E DO AMBIENTE

PREUSS, Fernanda Carina Preuss

### Resumo

A crise ambiental é resultado da sociedade, que interfere na natureza, sem preocupar-se com o futuro. Todos os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração do nosso planeta. Dito isso, os problemas ambientais da contemporaneidade são resultados das ações humanas sem projeção consciente ao longo do tempo, prejudicando o futuro da natureza. A tomada de consciência ecológica futura não deverá se contentar com a preocupação com os fatores ambientais, mas deverá também ter como objeto devastações ambientais no campo social e no domínio simbólico, real e imaginário do sujeito. Dessa forma, torna-se imprescindível a compreensão da formação do sujeito ambiental atualmente, inserido no processo de inclusão nas práticas ecológicas e ações ambientais para buscar soluções para as ações antrópicas de destruição. Assim, sem transformações das mentalidades e dos hábitos coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material.

Palavras chaves: Ambiente, ser humano, transformação.

### 1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é trazer algumas questões referentes à urgência da necessidade de mudança do sujeito em relação ao ambiente. Levando em consideração os conceitos de saúde, ética, natureza, e *unwelt*. Juntamente, serão levantadas também algumas alternativas para essa transformação, a partir da *ecosofia* de Félix Guatarri (1930-1992). As incertezas do mundo contemporâneo provocam a produzir outras maneiras de pensar, atuar, desejar e sentir o mundo. A realidade é complexa e suas forças tendem a evidenciar, com o capitalismo neoliberal, uma prevalência do consumo e do econômico em prol da alteridade. Nesse

sentido, entende-se que é necessário questionar e criar outras possibilidades de pensar a Educação Ambiental.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Cenário político-cultural e suas interfaces com o ambiente

De acordo com Rivaroli e Albernaz (2017) nesse exato momento o planeta está em grande transformação. Com a descoberta do petróleo, o “ouro negro”, o homem pôde ampliar suas produções e reconfigurou o ambiente físico. No campo, as máquinas substituíram a mão de obra humana, e a produção passou a ser em grande escala. A monocultura substituiu a diversidade de plantas cultivadas para dar conta da demanda na produção, que desembocou no agronegócio. Paralelas ao cultivo em grandes escalas surgiram às pragas de lavouras. Na sequência, para tentar solucionar tal problema, os pesticidas, os quais, hoje, talvez já tenham se incorporado a praticamente todas as cadeias alimentares.

Para melhorar ainda mais a produção, ainda, conforme Rivaroli e Albernaz (2017) tornou-se necessária à utilização de fertilizantes, assim, em menos tempo e espaço, aumentavam os resultados da colheita e hoje, essa alteração e interferência tornaram-se desenfreadas. O planeta, que levou milhares de anos para se formar, em pouco tempo tornou-se um ambiente de devastação da vida, sofrendo grandes modificações e se deteriorando dia após dia. O ser humano, que também é parte dessa natureza, ainda se sente com o direito de se apropriar dela e ainda tem a necessidade de dominá-la (RIVAROLI; ALBERNAZ, 2017).

De acordo com Rovani (2010) o progresso da técnica na modernidade baseou-se numa lógica de exploração utilitária da natureza, conduzindo o ser humano a entender-se não mais como parte da natureza, mas sim como dominador dela. A natureza foi, então, reduzida a dimensões cartesianas, sob a crença de uma suposta infinita capacidade de regeneração. Descartes afirma, numa sentença que resume boa parte da concepção da época na qual o conhecimento produzido pela matemática era libertador e capaz de desvincular o homem da dependência das vicissitudes do meio. Conforme ele, os homens, a partir do desenvolvimento da técnica, passam a ser “mestres e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1973).

A partir dessa concepção imaginária e narcísica, e com o incentivo do avanço das ciências de forma geral, segundo Rivaroli e Albernaz (2017) a produção de tecnologia inaugura um processo de desenvolvimento que o conduziria a tempos de superprodução e superconsumismo. Parafraseando Freud (1914) o narcisismo faz parte da constituição do eu de todas as pessoas em suas infâncias, mas, como se vê, ele dizia respeito também a um modo de funcionamento patológico que explica as psicoses. Elas se caracterizariam, em termos gerais, por um recolhimento do interesse da pessoa com relação aos objetos externos e um fechamento no mundo interno. Foi do estudo das psicoses que Freud derivou o conceito de narcisismo: toda a energia psíquica estaria voltada ao próprio eu. Essa lógica narcísica e antropocêntrica apenas passou a ser questionada quando, no que se chama de crise ecológica, a natureza começa a demonstrar ser limitada e não regenerativa. Esse é um dos grandes motivos pelos quais o sujeito precisa mudar seu posicionamento tanto na natureza, quanto a forma que se coloca sobre. Essa visão antropocêntrica, na qual o homem é o centro do planeta, infelizmente, ainda existe até hoje.

Essas modificações no ambiente, que se intensificaram desde a modernidade, como dizem Rivaroli e Albernaz (2017) não se dão somente no âmbito físico. Elas ocorrem também nas relações humanas e na relação consigo. Nos tempos atuais, o Capitalismo Mundial como nomeou Félix Guattari (2012), é responsável pela instauração em longo prazo de imensas zonas de misérias, fome e morte, além de esgotamento das subjetividades. Por isso é necessário que o sujeito se desconstrua e se transforme como um todo, não só em relação ao meio ambiente, pois tudo está interligado. Conforme Farias (2013) a crise ecológica é certamente um reflexo da crise cultural. Não é difícil compreender que o esgotamento dos recursos naturais revela a saturação dos hábitos e a necessidade urgente de mudança nos padrões de comportamento.

Para Guattari (2012) a pobreza é vista com bons olhos pelo sistema capitalista, pois usa-a como uma ponte para colocar no centro a força de trabalho coletivo. O sujeito é forçado a estar em conformidade com as disciplinas urbanas, os requisitos do sistema de salários ou rendimentos de capital. Ele é obrigado a ter lugar certo em escala social, caso contrário ele irá afundar no abismo da pobreza, da assistência e eventualmente do crime. Conforme Rivaroli e Albernaz (2017) a subjetividade coletiva

regida pelo capitalismo é polarizada por valores de campo rico/pobre, autonomia/assistência, integração/desintegração.

Rivaroli e Albernaz (2017), baseando-se nos estudos de Guatarri (2012) também alertam sobre os modos de vida na contemporaneidade, em que tudo muda velozmente, tornando, de certa forma, a vida efêmera. Essa velocidade nas mudanças, com os excessos de informações, as dificuldades nas relações humanas, a degradação ambiental e a produção de subjetivação numa sociedade capitalista neoliberal, na maioria das vezes, causam medo, solidão e insegurança, que geram depressão e ansiedade, doenças absolutamente culturais. O aumento exacerbado dessas condições mostra a urgência de transformações na sociedade. A falta de tempo na vida contemporânea acaba barrando as experiências como cita Jorge Larrosa (2007). Uma experiência altera, modifica o indivíduo através do que lhe acontece. O conhecimento por si só não é experiência. A experiência tem a ver com aquilo pelo qual alguém passa. Não acontece de igual maneira entre duas pessoas. É nesse sentido que de acordo com Rovani (2010), a ética ambiental é tão importante, pois se propõe a uma análise crítica da lógica com a qual o homem se percebe perante a natureza, assim como das próprias formas de produção tecnológica no que diz respeito ao seu impacto no meio ambiente.

#### 2.1 Covid 19: Percepções presentes e futuras

Atualmente, o mundo está vivendo um período de crise e confusão, marcado pelo Coronavírus (Covid-19). Uma crise na saúde, na economia, no ambiente, mas, sobretudo, uma crise humanitária. Neste momento, o mundo apela para que todos fiquem em casa, visto que o isolamento social tem sido a principal arma contra a proliferação do Coronavírus. De acordo com Preuss, Perotti e Schuk (2020) a obrigação do isolamento, as sensações e percepções quanto ao mesmo, não estão sendo nada cômodos para grande parte das pessoas. As consequências psicológicas em função do Coronavírus são várias. Muitas pessoas que antes não eram ansiosas, agora estão sofrendo com ansiedade. Além disso, reações muito agressivas ou irritadas, ou um sentimento de confusão e desorientação estão sendo comuns. Da mesma forma, existem pessoas cujos efeitos da quarentena irão intensificar as dificuldades e fragilidades que já estavam presentes antes.

Muitos estudiosos afirmam que o vírus é consequência do antropocêntrismo, vale dizer, da intrusão do ser humano na natureza tirando o habitat natural dos milhares de vírus existentes nela. Sem o habitat, eles procuram outro, no caso, o ser humano. O ambiente, finito, não aguenta o projeto infinito do capitalismo. Não adianta voltar ao antes, mantendo a mesma lógica de superexploração da natureza e da Terra. Nisso a China nos está dando o pior exemplo: voltar à superexploração e ao crescimento material à custa dos recursos naturais próprios ou importados. Diante da hipocrisia do egocentrismo humano, que, do alto de sua autoproclamada superioridade, aceita como normal que animais sejam submetidos a práticas repugnantes, porém inaceitáveis para nossa espécie, a natureza deve ser ouvida, o coronavírus não aconteceu por “acidente”. Ele é um dos elementos que deveria fazer com que os seres humanos tivessem noção da realidade que estão criando.

Quando é mencionado algo sobre coronavírus e capitalismo, percebe-se que o mundo está doente. Essa noção de doença, segundo Canguilhem (2002) apud Saflate (2011), parte do princípio que ela, em certo sentido, é produto da atividade social, não é absurdo supor que a constância de certos traços, revelados por uma média, dependa da fidelidade consciente ou inconsciente a certas normas sociais. Na espécie humana, a frequência estatística não traduz apenas uma normatividade vital, mas também uma normatividade social. Ser é saudável, é muito além de não ter um diagnóstico, é poder criar outras normas possíveis de vida, sem limitações. Saúde é poder ter possibilidades perante o meio, ampliação da relação com o meio. Quanto mais ampliada a relação com o meio, mais saúde se tem. As pessoas estão com grandes déficits em suas relações com o meio.

Levando em consideração também o coronavírus, como sendo um forte sinal do ambiente, é importante se questionar sobre o mundo pós-pandemia e sobre as gerações futuras. O filme Interestelar, dirigido por Christopher Nolan, as reservas naturais da Terra estão chegando ao fim, frequentes tempestades de areia e pragas que destroem as plantações. Há uma representação de futuro onde a maior preocupação não é discutir a eleição presidencial e sim arranjar a comida para o dia seguinte. E um grupo de astronautas recebe a missão de verificar possíveis planetas para receberem a população mundial, possibilitando a continuação da espécie. As

peças não se interessam mais por ciência: por que investir bilhões de dólares para mandar foguetes ao espaço se há tanta gente passando fome? O filme é um claro exemplo de uma sociedade que não está sabendo usar a tecnologia ao seu favor, questão que se caracteriza como um grande desafio.

É necessário, a partir de ética ambiental, conforme Rovani (2010) criar-se uma forma saudável de convivência, onde o Homem não mais satisfaça apenas seus desejos imediatos mas, ao agir, busque atender seus desejos, limitados pelas necessidades de outros seres vivos, bem como os desejos de gerações futuras. É necessário que se mude toda a cultura do imediatismo, que os sujeitos revejam seus desejos e demandas que foram constituídos por um sistema capitalista. Hoje em dia, esse sistema procria um produto próprio: o consumidor, perpetuamente insatisfeito, intranquilo, ansioso e entediado.

De acordo com Lasch (1983) a publicidade serve não tanto para anunciar produtos, mas para promover o consumo como um modo de vida. Ela “educa” as massas para ter um apetite inesgotável por bens. Ela defende o consumo como a resposta aos antigos dissabores da solidão, da doença, da fadiga, da insatisfação sexual, ao mesmo tempo, cria novas formas de descontentamentos peculiares à era moderna. Ela joga sedutoramente com o mal-estar da civilização industrial. Por meio do consumo, adere-se à promessa de prazer imediato e por meio da aderência ao consumismo o ser humano se condena a uma insatisfação maior e uma degradação cruel no meio ambiente.

### 2.3 Análise cultural sob a luz do conceito de Umwelt

De acordo com Araújo e Souza (2018) o termo Umwelt, se refere a um mundo subjetivo da percepção dos organismos vivos, dos animais e do homem em relação ao seu meio ambiente e de como eles o compreendiam. Jakob Von Uexküll (1864-1944) postulava que cada animal tem seu mundo próprio e que cada um deles tem que ser entendido no seu habitat, interessava a Uexküll, neste sentido, o comportamento dos organismos vivos e suas interações, como por exemplo, as células e órgãos do corpo ou dos sujeitos no seio das famílias, dos grupos nas comunidades.

Então, tudo aquilo que um sujeito assinala passa a ser seu mundo-de-percepção, e o que ele realiza seu mundo-de-ação. “Mundo-de-percepção e mundo-de-ação constituem uma unidade íntegra - o mundo-próprio (Umwelt) do sujeito”. Conforme Araújo e Souza (2018) quando um organismo apreende um estímulo sensorial do mundo, não ocorre somente um processo mecânico de causa e efeito. Um estímulo apreendido representa um sinal ou signo que significa um objeto: cada experiência tem um aspecto significativo particular de relação entre organismo e mundo.

A partir disso, é interessante pensar a visão distorcida que os seres humanos desenvolveram sobre os animais. Muitos acreditam serem seres superiores e evoluídos. Mas, por exemplo, como define Farias (2013) a inteligência não é a superação evolutiva do instinto, nem o instinto uma espécie inferior de inteligência, senão que instinto e inteligência configuram dois métodos distintos e eficientes de solução para os problemas da vida animal, cada qual deve ser entendido no seu Umwelt. O homem, apesar de imbuído de racionalidade, não pode continuar a ver outros seres como inferiores e, portanto, não pode agir de forma predatória em relação aos mesmos. O homem deveria deixar de ser o "dono" da natureza para voltar a ser parte da Natureza (FARIAS, 2013).

#### 2.4 Ecosofia como possibilidade

Segundo Cavalcante (2017) a ecosofia é um conceito criado por Félix Guattari (1930-1992), a partir dela é possível compreender que a natureza e os seres humanos fazem parte do mesmo ecossistema comunicativo, propondo assim, discussões entre meio ambiente e filosofia. A Ecosofia proposta por Guattari aborda a compreensão, como parte do meio que os seres humanos vivem, e como aprendem e agem sobre a problemática ambiental, tendo por base as três ecologias: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana. Nesse sentido, os problemas ambientais são resultados da evolução da sociedade, em seus aspectos econômicos, políticos, sociais e educacionais, que sintetizam a subjetividade da condição humana.

Assim, a Ecosofia consiste no entendimento e desenvolvimento de novas práticas sociais e analíticas na busca da criação de novas subjetividades. Como afirma Guattari (2009) não seria exagero enfatizar que a tomada de consciência

ecológica futura não deverá se contentar com a preocupação com os fatores ambientais, mas deverá também ter como objeto devastações ambientais no campo social e no domínio mental. Sem transformações das mentalidades e dos hábitos coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material. (GUATARI, 2009).

Parafraseando Cavalcante (2017), a Ecosofia seria a busca de uma dimensão ecossistêmica e não mais antropocêntrica das relações do homem com o meio ambiente, com a sua mente e com os outros humanos, em busca de respostas para as contradições das ações. O pensamento ecosófico de Guattari possibilita a relação do ser humano com a realidade que o produz e o atravessa, em suas múltiplas dimensões. Magnavita (2012) levanta a questão de que a Ecosofia não é apenas uma filosofia da ecologia, mas uma postura ativista e política que objetiva agir no mundo, mais do que simplesmente pensá-lo. Essa postura tem a ver com a ética, com uma escolha de um modo de vida e, ao mesmo tempo, contra o desperdício e o consumismo.

### 3 CONCLUSÃO

Os mantras que regem o capitalismo são o lucro, apropriado privadamente, a competição feroz, a superexploração da natureza, tida como um baú de recursos para o seu projeto de acumulação ilimitada, a transformação de tudo em mercadoria, bens vitais, como a água, órgãos humanos, a ciência e a consciência, reduzir o Estado às mínimas funções para entregar tudo o que se puder ao mercado. O que nos está salvando e a centralidade da vida, a cooperação, o mútuo cuidado, a generosidade e um Estado suficientemente apetrechado para atender às demandas sanitárias da população.

Por fim, trata-se de reconhecer que a consideração moral não pode ser uma exclusividade do ser humano, ou seja, deve-se reconhecer a dignidade moral dos outros animais e da natureza, entendida como conjunto dos elementos ainda não transformados pela cultura, conforme a clássica dicotomia natureza-cultura. A ética ambiental deve fazer a crítica do antropocentrismo, mas não necessita sacralizar a natureza. Como diz Leonardo Boff, teólogo, escritor, filósofo e professor universitário

brasileiro “amar uns aos outros como a nós mesmos é revolucionário, é ser anticultura dominante e contra o ódio operante”.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Arthur; SOUZA, Elaine de. A teoria do significado de Jakob Von Uexküll como um caso de tradução radical. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2018000300671&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2018000300671&script=sci_arttext)>. Acesso em: 04 set. 2020.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CAVALCANTE, Kellison. A ecosofia de félix guattari: uma análise da filosofia para as questões ambientais. Cadernos Cajuína, V. 2, N. 2, 2017, p.72 – 78. 2017. Disponível em: <<http://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/150/99>>. Acesso em: 04 set. 2020.

DESCARTES, René. Discurso do método. Rio de Janeiro: Abril Cultural. 1973.

FARIAS, André Brayer de. Por uma ética ambiental de inspiração vitalista. Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3(2015), p 320-335. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/17189/14356>. Acesso em: 02 set. 2020.

FREUD, Sigmund. [1914]. Sobre o narcisismo: uma introdução. In:\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV.

GUATTARI, F. As três ecologias. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.

LARROSA, J.; Et al. Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. A filosofia para questões urgentes. Filosofia: ciência e vida, Ano VI. Nº 72. Julho 2012.

RIVAROLI, Ana Paula; ALBERNAZ, Roselaine. A educação ambiental e a proposta Ecosófica. Uma micropolítica no cenário contemporâneo. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, v. 34, n. 2, p. 173-189, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/download/7022/4686>. Acesso em: 04 set. 2020.

ROVANI, Anatercia. Ética ambiental: A problemática concepção do homem em relação à natureza. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-ambiental/etica-ambiental-a-problematica-concepcao-do-homem-em-relacao-a-natureza/>. Acesso em: 02 set. 2020.

PREUSS, Fernanda C.; PEROTTI, Eduardo; SCHUCK, Anderson. E como ficam nossos desejos? Um olhar psicanalítico sobre a pandemia do covid-19. . Anuário Pesquisa E Extensão Unoesc São Miguel Do Oeste, 5, e24162. São Miguel do Oeste, 2020. Disponível em: <<https://unoesc.emnuvens.com.br/apeusmo/article/view/24162/14241>>. Acesso em: 04 set. 2020.

SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientiæ zudia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662011000100002&lang=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662011000100002&lang=en). Acesso em: 04 de set. 2020.

Sobre o(s) autor(es)

1 Acadêmica da graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste; Fone: (49) 985016119; E-mail: fernandapreuss45@hotmail.com